

CENTELHAS DE RENOVAÇÃO E REFORMA DA CRISTANDADE NO FIM DA IDADE MÉDIA

Sparks of renewal and christianity reform in Middle Age purpose

Marlison dos Santos Torquet¹

Resumo: Esta pesquisa tem por meta descrever e analisar historicamente o período em que a cristandade afunda em sérias crises de moral e ética e experimentou alguns sinais, centelhas de renovação e reforma. Este é o momento em que a Igreja Católica começa a experimentar a perda de sua unidade e a decadência do papado devido ao declínio do seu poder e prestígio. Diante desta realidade apareceram diferentes movimentos de reforma que lutaram para resgatar e despertar um avivamento na Igreja Católica Romana.

Palavras-chave: Idade Média. Cristandade. Reforma.

Abstract: This research is aimed at describing and analyzing the historical period in which it Christianity sinks into serious crisis of moral and ethical experienced some signs, renewal and reform sparks. This is the time when the Catholic Church begins to experience the loss of your unit and the decline of the papacy because of the decline of their power and prestige. Given this reality appeared different reform movements that fought to rescue and raise a revival in the Roman Catholic Church.

Keywords: Middle Ages. Christianity. Reform.

Introdução

A Europa Ocidental no século XIV, com certeza, era uma sociedade predominantemente cristã, contudo, isso não pode ser compreendido como sinônimo de unidade. A corrupção do papado e da igreja neste período se tornou terreno fértil para o surgimento de diversos movimentos de reforma. Situações como o enriquecimento exorbitante da Igreja Católica Romana, jogo de interesse político como a compra de funções ou posições eclesiásticas e a depravação moral e ética despertaram, em alguns, o interesse e a ação por mudanças estruturais e espirituais no centro da igreja.

É verdade que encontramos um rastro de sangue e de corrupção na Igreja da Idade Média, contudo, não podemos cair no erro de pensarmos que todos concordavam e aceitavam tais situações. Uma visão unilateral não é saudável, por isso, a proposta deste artigo é visualizar centelhas ou tentativas de reformas neste período, assumindo e acusando a Igreja institucional dos seus erros, mas buscando reconhecer e valorizar aqueles que pensaram e agiram de modo diferente.

No final da Idade Média, a Igreja presenciou e experimentou o declínio e a decadência do prestígio do domínio do papado, entretanto, foi neste momento que brotaram determinadas experiências de reforma da Igreja Romana. Clamores que protestaram por transformações e renovações na mais importante organização mundial que havia surgido na história. Circunstâncias como a corrupção dos clérigos e o Grande Cisma foram forças impulsionadoras para o nascimento de grupos como os místicos, reformadores como João Huss e João Wycliffe e os concílios reformadores do século XIV, que se insurgiram contra a deturpação moral e religiosa da Igreja de Roma e ainda se colocaram como produtores de um reavivamento da vida espiritual dentro da Igreja.

¹ Centro Universitário Leonardo Da Vinci – UNIASSELVI – Rodovia BR 470 - Km 71 - n^o 1.040 – Bairro Benedito – Caixa Postal 191 – 89130-000 – Indaial/SC Fone (47) 3281-9000 – Fax (47) 3281-9090 – Site: <www.uniassevi.com.br>.

Centelhas de renovação e reforma da cristandade no fim da Idade Média

Antes da Reforma Protestante surgiram algumas iniciativas reformistas na Igreja Católica Romana, movimentos que tentaram unir e restaurar os princípios bíblicos da Igreja. Estas propostas de reforma surgiram como resultado da corrupção do papado e da igreja e ecoaram como vozes que pregavam a necessidade de uma purificação e renovação daqueles que se diziam cristãos.

É necessário compreender que o termo reforma aqui é aplicado não apenas no sentido de melhoria, mas tem a definição de uma volta àquilo que se compreendia ser a pureza original do cristianismo que no decorrer da história teria sido deturpado. Reforma, então, pode ser entendida como um retorno à forma original. (DAUWER; SAYÃO; SIEBERT, 2013).

Uma vez que definimos o significado do termo reforma, se faz importante visualizar o pano de fundo que despertou ou proporcionou tais mudanças no cenário religioso da Idade Média. Assim antes de continuarmos vamos voltar um pouco e ver quais mudanças foram decisivas para tais transformações.

Cenário da cristandade ocidental de 1300 a 1450

A Europa que vinha de um período de expansão econômica, agora experimenta uma fase de declínio, principalmente devido às contínuas catástrofes, doenças epidêmicas, colheitas fracassadas e rigorosos invernos. A junção de todas essas situações levou a uma fragilização da Europa, que sofreu com a fome e muitas mortes. Contudo, a mais devastadora das situações que a Europa enfrentou foi a peste negra ou peste bubônica, que trouxe grande devastação a partir de 1347. A doença era causada por ratos que foram picados por pulgas infectadas.

A primeira manifestação da peste, provavelmente, foi em Constantinopla em 1347. Um ano depois chegou até a Itália, e em três anos já havia se espalhado por todo o continente europeu ocidental. Estima-se que mais ou menos um terço dos cinquenta a setenta milhões de habitantes que residiam no Ocidente vieram a morrer durante este período. Há relatos de bairros inteiros nas zonas urbanas que foram devastados pela peste. Diante de tal situação na zona rural faltou mão de obra, o que resultou em terras sem cultivo e por consequência os Estados Feudais ficaram sem os seus soberanos governantes. (IRVIN; SUNQUIST, 2004). O historiador Gonzales nos ajuda a entender mais sobre este fato:

Perto do fim do século XIII, quando os genoveses conseguiram derrotar os marroquinos e abrir o estreito de Gibraltar à navegação, o contato entre o norte da Europa e as costas do Mediterrâneo foi se estreitando cada vez mais. A navegação tinha sido muito melhorada neste mesmo século, e por isto, mesmo no inverno constantemente havia barcos procedentes do Mediterrâneo nos portos do Atlântico. Isto contribuiu para difundir a população de ratos negros, que são os portadores da terrível enfermidade. Além disto, a prosperidade econômica do século XIII tinha levado a um grande aumento da população, de modo que restavam pouco lugares isolados na Europa ocidental. (GONZALEZ, 1995, p. 11).

As consequências da praga foram percebidas no aspecto econômico como no aspecto religioso. Nas questões econômicas, em alguns lugares faltou mão de obra o que fez com que os preços dos produtos manufaturados aumentassem, em outros lugares, houve a falta de compradores, que resultou no excesso de produção. No aspecto religioso, o que vale ser ressaltado é o surgimento de um forte questionamento sobre a existência de um universo racional e ordenado que tinha sido exposto pelos escolásticos, isso resultou em duas fortes tendências. Entre os mais

intelectualizados se manifestou o pensamento de que o universo não é racional, e ao mesmo tempo começaram a desacreditar no potencial do intelecto humano de conhecer os mistérios da vida. Já entre os menos intelectualizados cresceu a superstição, que nunca deixou de existir. Este afloramento da superstição foi o que desencadeou o crescimento de peregrinações e se tornou um terreno fértil para o desenvolvimento do culto às relíquias. Esta tendência que será fortemente combatida pelos reformadores.

Outro fator que contribuiu para as condições sociais e políticas do período que estamos analisando foi a aliança entre a alta burguesia e a coroa. A burguesia foi uma classe que apresentou um desenvolvimento econômico considerável, em suas mãos estava a indústria manufatureira, o comércio e os bancos. Esta classe foi responsável por boa parte do desenvolvimento social deste período. A burguesia começou a ver na coroa uma possibilidade de um governo centralizado e forte, que fosse capaz de estabelecer segurança ao comércio, colocar fim ao banditismo e organizar a circulação de moedas. Esta união seria de grande vantagem para a classe burguesa, uma vez que seus objetivos se opunham aos dos senhores feudais, que por muitas vezes viviam guerreando com seus vizinhos e estabelecendo altos impostos sobre os produtos que transitavam sobre seus feudos.

Neste mesmo tempo, na Europa, desenvolvia-se uma nova compreensão de identidade nacional. O inglês, o francês, o alemão e o espanhol tiveram início como línguas nacionais no século XIV. “A Inglaterra e a França em particular testemunhavam não apenas um senso crescente de identidade nacional, mas também um aumento da participação do povo fora da nobreza em assuntos da vida política”. (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 590). Nos séculos anteriores, a maioria dos cidadãos europeus não se viam como parte de uma nação, mas simplesmente como pessoas que pertenciam a um pequeno condado ou burgo. Este sentimento nacionalista, cada vez mais forte na Europa nos séculos XIV e XV, enfraquecia a suposta unidade adquirida em períodos anteriores.

Ainda no contexto do século XIV, a Europa foi palco de constantes conflitos armados, mas é provável, que o mais debilitante foi a guerra entre os reis da França e da Inglaterra. Esta guerra teve como alvo e objetivo o domínio sobre o trono da França que durou um pouco mais de um século, e por isso ficou conhecida como a guerra dos cem anos. Segundo o historiador Justo Gonzalez:

Esta longa guerra teve consequências importantes para a vida da igreja, [...]. O fato de que boa parte dela o papado esteve em Avignon, onde existia à sombra do trono francês, contribuiu para aumentar a inimizade entre ingleses e o papado. Mais tarde, durante o grande cisma em que a Europa se dividiu em obediência a dois papas, as alianças estabelecidas durante a guerra dos cem anos foram um dos fatores que decidiam por qual papa cada país se decidia. Além disto a própria guerra dificultou a tarefa de sanar o cisma. Por último [...] a guerra fortaleceu o crescente sentimento nacionalista, e assim contribuiu para debilitar qualquer pretensão que o papado pudesse ter em termos de uma autoridade universal. (GONZALEZ, 1995, p. 32).

O cenário da cristandade ocidental marcado por profundas mudanças sociais, culturais, políticas e religiosas anunciava o enfraquecimento do pensamento da suprema autoridade papal e proclamava o declínio do papado.

O declínio do papado

Entre 1309 e 1439, a Igreja Romana perdeu muito de sua autoridade diante dos leigos. Situações como celibato, obediência absoluta ao papa e a feudalização da Igreja Romana desen-

cadearam uma decadência na moralidade dos clérigos. Muitos sacerdotes possuíam concubinas ou se perderam com casos de amor ilícitos, alguns usufruíam de uma vida de luxúria e de riquezas exorbitantes. Um outro problema era o feudalismo que impunha uma dupla obediência, ao papa e ao senhor feudal. Isso fazia com que os líderes religiosos empreitassem mais tempo nos seus afazeres secular do que em suas responsabilidades de ordem espiritual. (CAIRNS, 2008).

A crise do papado no século XIV começa com um conflito com a coroa francesa. Felipe IV tentou impor taxa ao clero e à igreja francesa para tentar suprir os seus altos custos de expansão militar. O papa Bonifácio VIII o condenou por tal atitude, mas sofreu as consequências por sua insurreição. Um ano depois quando Bonifácio VIII estava preste a promulgar a excomunhão de Filipe, tropas aliadas deste rei agrediram o papa na tentativa de fazê-lo renunciar, tal agressão levou o papa Bonifácio VIII à morte. “Logo em seguida Clemente V, que assumiu o trono papal em 1305, depressa passou a apoiar os franceses em várias questões”. (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 595).

Clemente V transferiu a sede do papado de Roma para a França em 1305 e para Avignon 1309. Quando os papas vieram para Avignon, a situação mudou no centro da igreja. Antes quase todos os cardeais eram italianos, já 1331, 17 dos 20 cardeais eram franceses. Sempre que surgia uma vaga, era ocupado por um francês. Nesta nova fase da igreja se teve sete papas franceses em setenta anos e foram escolhidos 112 cardeais de nacionalidade francesa. (BLAINEY, 2012). Então, temos um cenário em que “o papado esteve sob o domínio e o controle dos reis franceses até o ano de 1377. Este período é denominado de cativeiro babilônico”. (DREHER, 1994, p. 97).

A residência papal permaneceu em Avignon até 1377, até entrar em cena a mística Catariana de Sena que pressionou de maneira incisiva ao papa Gregório XI para voltar a Roma e resgatar e restabelecer lá a sede administrativa do papado. Gregório XI volta para Roma em 1377, interrompendo a hegemonia do papado na França. Após a morte de Gregório XI, foi eleito Urbano VI como papa. Este por sua vez começou a “desagradar muito os cardeais denunciando publicamente o extravagante estilo de vida e as falhas morais dos membros da cúria”. (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 597). Diante deste entrave, os cardeais elegeram Clemente VII como papa em 1378. Clemente VII novamente muda para a Avignon a capital administrativa do papado e assim se dá início ao grande Cisma. Enquanto isso, Urbano VI decidiu promover um novo grupo de bispos a cardeais. O resultado foi a existência de dois papas e dois colégios, ambos eleitos e empossados de maneira legítima, que reivindicavam para si a autêntica sucessão de São Pedro. O cisma continuou até o século seguinte quando João XXIII convocou um concílio reformador. Estas divisões enfraqueceram a autoridade papal e fomentou cada vez mais o clamor por uma reforma da Igreja Romana.

Este é um momento da história em que a cristandade estava efetivamente dividida. Vamos ver o que o historiador Geoffrey Blainey nos diz sobre este período:

Por cerca de 30 anos, o novo cisma foi um golpe no prestígio de uma igreja que valorizava a unidade. A existência de papas rivais na Europa ocidental também enfraqueceu a ideia de que a suprema autoridade papal não devia ser desafiada. Outro fator afetou a autoridade religiosa. [...] A renascença estava a caminho. Um renascimento do espírito secular e pré-cristão da clássica civilização grega e romana serviu como estímulo e admiração da beleza e da forma, a uma nova atitude diante de pinturas e esculturas, ao questionamento da moral tradicional e a celebração das alegrias deste mundo, e não do que está por vir. A reduzida camada mais culta da sociedade europeia seria especialmente afetada. (BLAINEY, 2012, p. 154).

É neste contexto de declínio do prestígio e da autoridade papal que vão surgir algumas

tentativas de reforma da Igreja Romana. A corrupção e o cisma foram forças propulsoras para o desenvolvimento de grupos como os “místicos e os reformadores, os concílios reformadores do século XIV, que procuraram formas de produzir um reavivamento da vida espiritual dentro da Igreja Católica Romana”. (CAIRNS, 2008, p. 219).

Centelhas de reforma através dos concílios

O período que estamos analisando recebeu como herança uma hegemonia do domínio papal. O papa possuía grande poder de controle sobre a igreja, inclusive sobre os concílios. Contudo, diante de acontecimentos como “o cativo babilônico” e o grande cisma do Ocidente, começou a surgir a proposta de um concílio que fosse capaz de julgar as atitudes do papa e que ao mesmo tempo se sobrepujasse a autoridade papal, ou seja, a autoridade do concílio estaria acima da autoridade do papa. Na verdade, a ideia deste concílio se manifesta como uma proposta de reforma da igreja e que fosse capaz de solucionar problemas criados pela cobiça, disputas políticas e corrupções encontradas no papado.

Havia um desejo por uma reforma moral da igreja. Os que se levantaram como líderes deste movimento conciliar propuseram uma reforma eclesiástica que destacasse o clamor dos leigos. No Grande Cisma de 1378, período em que se teve dois papas se autotitulando sucessores legítimos de São Pedro, houve uma divisão política na Europa e também uma situação de escândalo para os fiéis leigos. O que igualmente despertou um forte descontentamento dos fiéis foram os altos impostos cobrados pela igreja, impostos que possibilitavam à igreja desfrutar de um largo enriquecimento. “As riquezas nem sempre eram usadas para fins criativos, o que provocou o clamor por uma reforma eclesiástica”. (DREHER, 1994, p. 98). Contudo, muito mais que o escândalo da existência de dois papas, os leigos ou a população “comum” viviam descontentes com a “exploração econômica que a ostentação e as necessidades políticas e militares dos contendentes acarretavam”. (GONZALEZ, 1995, p. 66). Gonzalez ainda afirma que:

A simonia, absentismo e o pluralismo, que incendiavam a ambição dos poderosos, resultavam em impostos cada vez mais elevados para as massas. Assim a igreja, que em seus primeiros séculos e mesmo depois em seus melhores momentos fora defensora dos pobres, se converteu em mais um peso que oprimia as classes já oneradas. Enquanto isto principalmente nas universidades, o descontentamento ia assumindo formas teológicas. Os estudiosos sabiam que o bispo de Roma nem sempre tivera prerrogativas que agora exigia. (GONZALEZ, 1995, p. 66).

As bases para esta reforma estavam na ideia de que a autoridade eclesiástica não está no papa, mas nos fiéis, de onde vem a autoridade do papado. E que, por resultado, a melhor opção seria a formação de um concílio universal que representasse os fiéis, que teria mais autoridade que o papa. Com isso, não se afirma, que o concílio teria um estatuto de infalível, pois não existe instituição que não erre. Porém, esta proposta ou pensamento, revela que nitidamente a igreja necessitava de uma reforma, e que, se o papa se torna negligente em fazê-la, um concílio universal teria plenos poderes para reformar a igreja, ainda que isto vá contra a pretensão do papado. “O concílio eclesiástico e não o papa era, então, a autoridade suprema da igreja a agir para o bem do corpo inteiro de Cristãos”. (CAIRNS, 2008, p. 229).

Estes concílios reformadores foram convocados primeiro para colocar fim no cisma na liderança da Igreja Romana, depois para criar uma reforma no interior da igreja combatendo também o surgimento de muitas heresias. O que ficou claro, é que no período do Grande Cisma, havia pouco interesse no bem-estar da igreja, mas sim uma verdadeira competição de

interesses pessoais pelo poder. Todo este pano de fundo faz emergir uma compreensão que as mazelas encontradas neste período são efeitos na demasiada centralização de poder eclesiástico e por isso a função do concílio não poderia se limitar a regularização e legitimação do verdadeiro sucessor da autoridade de São Pedro, mas que o concílio deveria participar efetivamente e inteiramente da reforma da igreja.

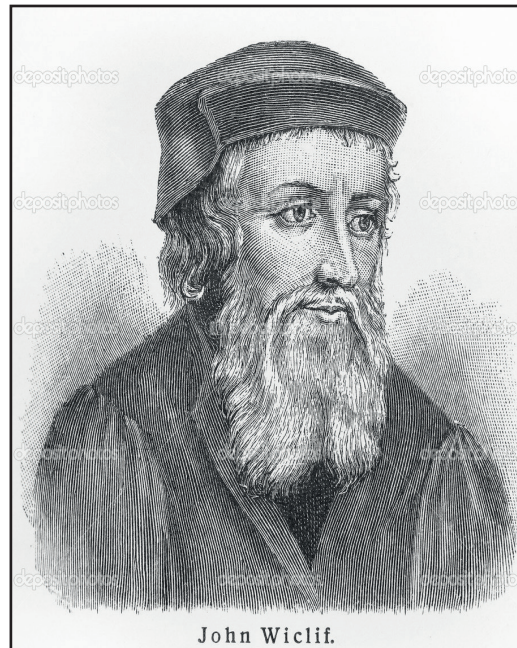
Alguns concílios são de extrema importância, entre eles o de Pisa (1409), de Constança (1414-1418) e os concílios de Basileia e de Ferrara (1431-1449). Segundo o historiador Cairns, “os concílios reformadores salvaram a Igreja Romana da desordem e do Grande Cisma, porém a falta de um sucesso efetivo e prático lançou por terra a última oportunidade de reforma interna da Igreja Católica Romana”. (CAIRNS, 2008, p. 231).

Centelhas de forma em João Wycliffe

Em meio ao florescimento de um sentimento nacionalista na Inglaterra entra em cena João Wycliffe (1328-1384). Wycliffe foi aluno e professor na universidade de Oxford. Em 1378 começa a ser conhecido devido suas ideias de reforma da Igreja Romana, primeiro através da deposição de eclesiásticos imorais e pelo “despojamento de sua propriedade que, segundo ele, era fonte da corrupção”. (CAIRNS, 2008, p. 226). Wycliffe defendia a ideia de que a liderança eclesiástica precisaria ter uma moral ilibada. Ele começa então, a se colocar contra os dogmas da Igreja Romana com pensamentos revolucionários.

Primeiro ele contestou a autoridade papal como chefe da igreja. Alegou ser a Bíblia a única e soberana autoridade para o crente e ainda que a Igreja Romana deveria ter um reencontro com o modelo da igreja primitiva encontrada no Novo Testamento. Neste ensejo, Wycliffe tornou a Bíblia acessível ao povo em sua própria língua. Outro ponto do seu pensamento é que ele se colocou contra a doutrina da transubstanciação. Em sua opinião, a substância dos elementos da ceia, o pão e o vinho, não se alteravam ou não se transformavam literalmente no corpo e no sangue de Cristo, contudo, Cristo estava espiritualmente presente no sacramento que era alcançado pela fé. Esta ideia causaria muitos desconfortos aos clérigos, uma vez que ela levava a compreensão de “que o sacerdote não teria a salvação de alguém por ter em suas mãos o corpo e o sangue de Cristo na santa ceia”. (CAIRNS, 2008, p. 226).

Figura 1. João Wycliffe



Fonte: Disponível em: <<http://pt.depositphotos.com/8970749/stock-photo-john-wycliffe.html>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

Justo Gonzalez, um historiador, destaca que uma de suas principais doutrinas reformistas de João Wycliffe é a questão do “senhorio”. Wycliffe destaca que não há outro senhorio além do de Deus. Para ele uma pessoa pode exercer autoridade sobre outra pessoa somente se Deus o conceder, contudo, existe um senhorio falso e ilegal, exclusivamente humano. Segundo a sua reflexão, na Bíblia pode se encontrar o modelo do verdadeiro senhorio que é a própria pessoa de Jesus Cristo, a quem pertence todo o domínio, porém não veio para ser servido, mas para servir. Assim só tem validade o senhorio humano daqueles que se dedicam a servir e a não ser servido. Portanto, para ele, as autoridades eclesiásticas que se empenham em impor impostos para proveito próprio, e não para servir, são ilegítimos. (GONZALEZ, 1995, p. 86).

Segundo outro historiador:

Nos últimos anos de vida, Wycliffe começou a pregar mudanças na vida cristã. O alvo imediato de sua preocupação era a riqueza e poder político da igreja do seu tempo. Atacou o que ele julgava ser os excessos de poder e da riqueza papais, e apregoava a pobreza clerical. Wycliffe era adversário do celibato do clero, embora apoiasse os sacerdotes mediantes. Deu ênfase à necessidade espiritual do laicato, que ele denominava os “eleitos” da salvação cristã. [...]. Ensinava que a Bíblia era fonte última para a autoridade para a vida espiritual e que, portanto, devia estar ao alcance de todos os fiéis cristãos para a leitura. (IRVIN; SUNQUIST, 2004, p. 604).

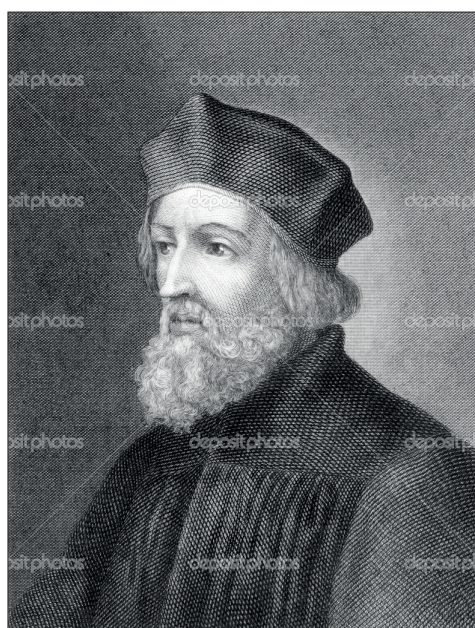
Além de proporcionar a criação da Bíblia no vernáculo do povo inglês, seus pensamentos e doutrinas sofram base para criação do grupo que ficou conhecido como lolardos ou resmungões, é provável que tenham recebido este apelido por causa de suas pregações públicas. Suas teorias sobre a igualdade na igreja foram usadas nas atividades econômicas dos camponeses e colaboraram para a Revolta do Camponeses de 1381. As doutrinas de Wycliffe foram censuradas e tidas como heresias no concílio de Constança em 1415. Como ele já estava morto, e não havia como condená-lo à fogueira, então seus ossos foram exumados e queimados como os de

um herege. Contudo, a esta altura, os seus ensinamentos já tinham sido levados para a Boêmia, onde foram usados como base para os ensinamentos de João Huss, outro reformador que estudaremos.

Centelhas de forma em João Huss

João Huss (1373-1415), reitor da Universidade de Praga de 1402, se propôs a reformar a Igreja Romana na Boêmia. Seus pensamentos e reflexões se assemelham muito as de Wycliffe. Mesmo sendo excomungado em 1411, não se deu por intimidado e continuou a defender seus preceitos. Para ele a excomunhão que derivava do poder do papa, não tinha sua legitimidade, pois argumentava que a Bíblia é a autoridade última sobre os cristãos e que de tal forma ela poderia ser usada contra as deliberações de um papa.

Figura 2. João Huss



Fonte: Disponível em: <http://st.depositphotos.com/1001003/1283/i/950/depositphotos_12831346-Jan-Hus.jpg>. Acesso em: 10 jun. 2016.

Logo, suas propostas de reforma despertaram a inimizade do papa e ele foi convidado a comparecer ao Concílio de Constança com um documento de salvo-conduto do imperador. Contudo, o salvo-conduto não foi respeitado e ele foi condenado por heresia. No mês de junho, em 1415 foi condenado a morrer na fogueira por ordem do Concílio de Constança.

Nas palavras do historiador Martin Dreher, Huss era um pregador em Praga que:

Voltou-se contra a mundanalidade da Igreja, contra a crescente imoralidade dos sacerdotes e, especialmente, contra o culto às relíquias, que entrementes assumira proporções incríveis. Havia hóstias sanguinolentas miraculosas, vendiam-se bolinhas da terra da qual Adão fora feito. Era possível comprar cera dos ouvidos e leite da virgem Maria, estrume do burro do estábulo de Belém, fios de cabelo da barba do Salvador. Mostrava-se inclusive o prepúcio circuncisado de Jesus. Ao todo existiam nada mais nada menos do que 13 exemplares do prepúcio de Jesus em toda a Europa. Huss atacou todos estes excessos, provocando a ira do comércio internacional de relíquias. (DREHER, 1994, p. 120).

Após sua morte seus ensinamentos continuaram a ser propagados na Boêmia e alguns dos seus discípulos prosseguiram na disseminação de tais práticas, até que, em 1453 destes grupos surgiu a irmandade denominada de “União dos Irmãos”. O que fez com que os seguidores de Huss fossem conhecidos como os irmãos.

Centelhas de reforma através do misticismo

Diante da corrupção do clero, de uma hierarquização da Igreja e dos desvios dos princípios espirituais, desenvolveu-se um movimento chamado misticismo, que na realidade se apresenta como o forte desejo do coração humano de entrar em contato direto com Deus. O misticismo foi uma reação contra a imensa valorização da racionalidade, mas também significou um protesto contra o período de grandes conflitos de uma igreja corrupta e em declínio.

É verdade que este movimento não tinha como objetivo se colocar contra a Igreja Romana. Por mais que existissem aqueles que criticassem a igreja hierarquizada. A principal ideia que prevalecia era que a solução para a igreja corrompida se fazia presente naqueles que buscavam uma proposta um devocionalidade intensa, e que tinham por determinação a procura contínua por ser igual a Jesus. Por não existirem ataques contundentes e diretos contra a igreja, este movimento não foi perseguido como no caso de Huss e Wycliffe.

Um dos grandes nomes deste movimento místico foi mestre Eckehart (1260-1327), estudou na Universidade Paris e afirmou que somente o divino era real e que o alvo do cristão era se unir de maneira espiritual com Deus. Para ele existia uma diferença entre a divindade, que em sua opinião era Deus de uma forma integral como uma unidade constitucional do universo, e Deus, que era o Criador e sustentador pessoal do mundo. (CAIRNS, 2008). A verdade é que quando lemos sobre suas ideias conseguimos perceber uma forte influência do neoplatonismo e ainda uma grande tendência para panteísmo, contudo é necessário dizer que em seus ensinamentos ficou destacada a necessidade do serviço cristão como resultado desta união mística com Deus. O misticismo, com seus erros e acertos, tem sua importância na história do cristianismo como resultado de inquietações sociais e religiosas que efervescia na Europa no final da Idade Média.

Considerações finais

A cristandade no final da Idade Média presenciou a decadência do prestígio e da autoridade do papado, porém, foi neste contexto que surgiram algumas tentativas de reforma da Igreja Romana. Vozes que clamaram por mudança e renovação na maior organização mundial até então. Situações como a corrupção e o Grande Cisma foram forças motivadoras para o desenvolvimento de grupos como os místicos, reformadores como João Huss e João Wycliffe e os concílios reformadores do século XIV que se propuseram a produzir um reavivamento da vida espiritual dentro da Igreja Católica Romana.

As reformas do século XIV foram iniciativas causadas às fortes mudanças sociais, culturais e religiosas que floresciam na Europa Ocidental neste período. A sociedade desta era lançou bases para intensas mudanças que possibilitaram a criação de um estado moderno. Assim, vemos um panorama de mudanças que anunciava o enfraquecimento da suprema autoridade papal e proclamava o declínio do papado, que até então, havia desfrutado de uma hegemonia política e administrativa.

Estes movimentos reformistas servem para nos mostrar que no decorrer da história sempre haverá movimentos que defenderão e lutarão pelo estabelecimento dos princípios fundamentais da humanidade, como ordem e progresso. Estes movimentos trouxeram grandes bene-

fícios sociais, por exemplo, lançaram fundamento para a popularização da escrita e da leitura na língua vernácula quando Wycliffe se recomendou a traduzir a bíblia para o inglês, deu voz a uma parcela da população que se via marginalizada e esquecida por líderes religiosos e políticos e desenvolveu uma profunda reflexão e questionamento quanto domínio da Igreja Romana naquele século e nos vindouros.

Concluimos, afirmando que a história não é feita a partir de uma visão unilateral. Não podemos fechar os olhos para as mazelas realizadas pela Igreja Romana no período da Idade Média, contudo, esta realidade não representa e nem descreve todo o cenário deste período. É necessário cautela e sabedoria ao preestabelecer juízos e conceitos sobre um momento histórico tão rico em detalhes e acontecimentos. Somos convidados a desenvolver uma visão crítica e criteriosa sobre aquilo que assumimos como axiomas da vida. Na caminhada da vida, todos estamos suscetíveis a erros, contudo olhando para o passado, é possível, que tenhamos a possibilidade de errar menos.

Referências

CAIRNS, Earle Edwin. **O cristianismo através dos séculos**: uma história da igreja cristã. 3. ed. São Paulo: Vida Nova, 2008.

BLAINEY, Geoffrey. **Uma breve história do cristianismo**. São Paulo: Editora Fundamento Educacional Ltda., 2012.

DAUWER, Fabiano; SAYÃO, Thiago Juliano; SIEBERT, Itamar. **História medieval**. Indaial: Uniasselvi, 2013.

DREHER, Martin N. **A igreja no mundo medieval**. Coleção História da Igreja. v. 2. São Leopoldo: Sinodal, 1994.

GONZALEZ, Justos L. **E até aos confins da terra**: uma história ilustrada do cristianismo. v. 5. São Paulo: Vida Nova, 1995.

IRVIN, Dale T; SUNQUIST, Scott W. **História do movimento cristão mundial**. v. 1. São Paulo: Paulus, 2004.

Artigo recebido em 15/06/16. Aceito em 18/08/16.